

A pesca do atum

Tavira

Agosto— 1922

Muros muito brancos, de porta e janela, alguns com gelosias, que é a velha e a melhor maneira de manter as casas sempre frescas. A rexa deixa passar o ar e conserva a meia luz: dá intimidade aos interiores. Nas ruas não passa ninguém. Casas apalaçadas, tumultares. Telhados mouriscos, pontiagudos, de quatro águas, muito caiados, e as chaminés do Sul, que lembram reduções de minaretes. Há-as rendilhadas; há-as com filigranas e flores. Outras mais pobres e mais simples, mas sempre aspirando para o céu de Alá.

Entre elas e a Giralda a diferença é apenas de tamanho. Brancas, esguias, delicadas, com um pouco de imaginação povoa-se Tavira de torres onde o Árabe faz a oração da manhã e da tarde. São recordação e saudade. A alma do Moiro está viva. Subjugada, persiste e sonha. Aspira. Perseguida, obstina-se. E para viver faz-se pequenina e contenta-se em deitar fumo...

Tavira é uma terra fechada, concentrada, de gente rica que arrecada o dinheiro do figo, da amêndoa e da alfarroba. Cada fruto destas árvores é um pingo de oiro. Que saudades eu tenho, nesta terra neurasténica, da fedorenta Olhão!

De Olhão, até o mau cheiro me cheira agora bem... E como compreendo a mudança de fisionomia dos homens e das coisas... Tavira é uma

terra de montanheiros, Olhão é uma terra de pescadores. O pescador é comunista e alegre, o montanheiro desconfiado e triste. No mar não há marcos...

Todo o Algarve é um pomar cultivado com esmero. A gente do Alentejo, quando vê um bocado de terra bem tratada, diz: — É um pedacinho do Algarve. — Mas não se lembra que o Algarve está retalhado, pulverizado, três pés de oliveira, dois pés de amendoeira, e as almas rancorosas divididas como a terra. Um palmo de campo faz uma diferença extraordinária e um marco disputa-se a tiro entre irmãos. Regime de salário deficiente, um orçamento estreito, tornaram o homem preocupado e subtil. De raça é moiro, de condição eterno explorado. Foi ele que inventou ir ao advogado pedir-lhe «um conselho às avessas», figurando a posição do adversário. Depois do que, com o chapéu na mão, que faz girar lentamente entre os dedos pelas abas, conclui: — Então está bem...

— Como está bem?! — É que eu não sou eu, sou o outro... Dá aos velhos rúbulas as melhores lições de mariolice jurídica.

Nos areais, pela costa fora, há várias armações de atum: *Medo das Casas*, *Abóbora*, *Barril*, *Livramento*, etc. É um facto sabido que do cabo de Santa Maria para nascente a abundância é de atum, e do cabo para o poente, de sardinha. Tavira é um dos grandes centros da pesca de atum, se se pode chamar *pesca à maneira de como se apanha este peixe*. Para o atum basta saber matar.

Ninguém conhece nada do atum, que se pesca ao acaso e às cegas. Sabe-se que todos os anos desova no Mediterrâneo, porque vai para lá em Maio e Junho, gordo — do direito, e volta de lá magro, em Julho e Agosto — do revés. É bicho dos grandes fundos, que procura talvez as águas pouco agitadas do fundão que começa em Cádiz e se prolonga

Artur Pastor
Copejo do atum
Tavira, Algarve [1943-1945]



até ao México. Faz sempre o percurso em cardumes, levando adiante do bando os mais pequenos da família. Supõe-se que a Gulf Stream exerce grande influência nos seus hábitos, empurrando-o para a costa em procura de águas mais quietas e mais frias.

É tão tímido que se deixa apanhar, podendo despedaçar com facilidade as redes: mal encontra meia dúzia de fios — a rabeira ou o quartel de fora, segue-os com o focinho até ao buraco, por onde entra no quadro da armação. O seu maior inimigo é o homem, que o devora, em concorrência com o roaz, incansável em persegui-lo também, com a bandeira da barbatana fora da água. Está, dizem, condenado a desaparecer muito breve, a não ser talvez nas armações de revés de Tavira, porque a direttriz que traz do estreito de Gibraltar o leva naturalmente a enfiar-se nessas redes.

A armação, engenho muito antigo, cujo nome, almadrava, cheira a árabe, é constituída pelo corpo — dividido em três compartimentos, câmara, bucho e copo -, pela rabeira, que se estende até a terra, para que o atum não passe, e pelo quartel de fora, destinado ao mesmo fim e estendido para o mar, em ângulo obtuso com a rabeira.

A armação tem às vezes a forma dum grande T, na temporada do direito, com as duas bocas para a entrada do peixe, servindo uma delas para a recuada da bacia de Monte Gordo. Para o atum de revés suprime-se parte da armação, ficando reduzida a um ângulo mais ou menos obtuso. A rede, de malha muito larga, mais apertada no copo, é tecida de corda da grossura do dedo mindinho. Nas bocas, que deixam entrar o atum, mas não o deixam sair, está o segredo da armação. Nesta época o atum vem do estreito nas águas claras e com o levante. Mas as águas têm estado negras e vermelhas com fosforescências nocturnas e o atum desapareceu.

O copejo vou vê-lo a Sagres, à armação da Ponta da Baleeira.

Ponta da Baleeira

20 de Agosto

O arraial, ao fundo duma concha de pedra, é uma fiada de casotas muito brancas, com dois ou três grandes armazéns esparsos. Ali vivem durante o tempo da pesca, que vai de Maio até vinte e cinco de Agosto, a companha, o mestre que manda no mar, dois preguiceiros, dois interinos e o escrivão do atum, velho autoritário e seco que representa o dono. Um arraial emprega perto de cem homens, que, acabando a época do atum, vão trabalhar nas armações de sardinha. Têm dez por cento sobre o ganho, uma pequena jorna de 1200, e um atum de comedoria por cada cinquenta que apanham. É um tempo certo de fadiga e proveito. E não só o homem sabe em que época passa esta rica presa: sabe-o também o roaz, que a vem esperar ao Cabo de São Vicente...

Hoje a água está límpida e a baiazinha, fechada por dois grandes penedos no meio do mar, acorda com tintas tão vivas que apetece pintá-la. O giro do mar içou o pendão para chamar os homens. Larga a canoa do mandador com o escrivão, que procede à entrega dos peixes, e com ele vão os barcos da andaina. Aproveitemos o dia: em vindo a aguagem do levante, boa para Tavira, já esta armação não apanha mais peixe.

Névoa — pouca. Uma névoa que nunca vi e que empoeira de azul o mar azul, fundindo-se com a névoa do alto. Os calões e as lanchas prolongam-se com a armação a duas milhas da costa. Na minha frente ergue-

-se a penedia a pique, o morro da Atalaia com chapadas de negro e de vermelho. O que vale a este torresmo é a luz e o azul que se pega como tinta... Estou em frente de duas baías, a da Baleeira e a da Atalaia. Dum lado e do outro penedos compactos onde a água se infiltra largando-os a custo.

Uma rocha destacada parece um castelo em ruínas, com espumas esbranquiçadas aderentes à base. Para além prolonga-se o deslumbramento de Lagos até à ponta do Altar, confundida ao longe na tinta carregada das águas, destas águas gordurosas que penetram nos buracos das rochas e alastram nos fios de areia, apegando-se a todas as pedras da costa.

A névoa desfaz-se e a ponta de Sagres é um colosso duro e negro. A este panorama falta-lhe talvez encanto. Está ali — está ali para sempre a duas ou três tintas cruas, azul, vermelho e negro. É decorativo — mas decorativo como um cenário. As meias-tintas é escusado procurá-las. Nunca lhe chega a hora melancólica em que a paisagem do Norte empalidece e desmaia como quem vai morrer. É imenso — vermelho e negro; é duro vermelho e negro.

Os barcos rodeiam as redes. Vai-se meter o atum no copo, vai-se coar, operação delicada, porque basta uma toninha, cabeça de rato, ter-se metido no quadro, para o atum, que é muito tímido, saltar fora. A barca fechou a porta. Seis calões em roda puxam as bóias do saco sobre a borda. Primeiro colhem a rede de malha mais larga, e depois a outra, conduzindo pouco e pouco, e a medo, o peixe para o copo. É o momento... Uns homens têm na mão direita a ganchorra curta e afiada, presa ao pulso pela alça, e outros, armados de um bicheiro mais comprido, só esperam que o atum comece a saltar para o chegarem aos barcos. Agita-se a água... Vêem-se os grandes dorsos reluzentes e os rabos que chapinam.

Noventa negralhões meios nus, de calças arregaçadas e camisolas

azuis, estão prontos a matar.

Gritam: — Agora! — Espetam o peixe. Para não caírem à água, deitam a mão esquerda à corda amarrada ao pau de entrevela, curvam-se e fisgam-nos pela cabeça. O peixe resiste e quer fugir: sentindo-se preso, ergue-se, apoiado na cauda, e é esse movimento de recuo que ajuda o homem a metê-lo para dentro da caverna, largando logo da mão o bicheiro, que lhe fica suspenso do pulso pela alça. Baixa-se o homem, ergue-se logo...

Os barcos estão cheios de peles luzidias e de manchas gordurosas de sangue. São bichos enormes e escorregadios, de grossa pele azulada, que batem pancadas sobre pancadas com o rabo.

A gritaria aumenta — Eh! Eh!... — É uma mixórdia que me cansa.

Só vejo manchas sobre manchas, sobrepostas, a cor e o movimento, a cor dos homens, a cor dos grandes peixes que se debatem e morrem e a agitação que se precipita e acelera os gestos confundidos. E sobre tudo isto um grito, um grito de triunfo, o grito da matança que explode numa alegria feroz, a alegria primitiva: — Eh! Eh!... — num quadro imutável, todo vermelho e negro.

Agora a vida atinge o auge. Alguns pescadores saltam para dentro do copo com água pela cinta, e um, que é arrastado e cai, monta num atum, como um velho deus marinho, e escancara a boca de riso...

Cheira a açougue. A água tinge-se de sangue, a água pegajosa encharca os barcos. Misturam-se as cores e as peles escorregadias. Saem alguns atuarros mais pequenos, peixe-agulha e o pachorrento peixe-vaca, que acompanha sempre o bando. A carnificina enfarta e enjoa. Há laivos de sangue na costa, há nódoas de sangue na tinta azul do mar. Acode a cavala à babugem desta enorme sangueira.